

A Imigração Italiana na Serra do Rio Grande do Sul como Referencial para o Design de Superfícies

Italian Immigration in the Highland Region of Rio Grande do Sul as Reference of Surface Design

Souza, Raquel Eleonora de; Esp; Universidade Feevale, raquel707@gmail.com¹
Gama, Maria Gabriela; Dra; Universidade do Minho, mgama@ics.uminho.pt²
Cezar, Marina Seibert; Me; Universidade Feevale, marinac@feevale.br³

Resumo

O legado da imigração italiana na região da serra do Rio Grande do Sul e sua riqueza estética evidencia-se, principalmente, através de elementos visuais que são aqui explorados sob a ótica do Design de Superfície. A partir de imagens fotográficas que identificam essa cultura, desenvolveu-se uma coleção de estampas para ser aplicada em superfície têxtil.

Palavras Chave: imigração; italianos; legado; design; estampas.

Abstract

The legacy of the Italian immigration in the highland region of Rio Grande do Sul, and its aesthetics can be mainly seen through visual elements that are, herewith, explored under the Surface Design point of view. Using photographic images as starting point, there was developed a pattern collection to be used on textile surfaces.

Keywords: immigration; Italians, legacy, design, patterns.

Introdução

O presente artigo é resultante de trabalho monográfico de Especialização em Design de Superfícies cuja pesquisa tem como tema central a imigração italiana na região da serra do Rio Grande do Sul e sua herança cultural. Tendo como objetivo reconhecer e identificar de que forma o legado que os colonizadores deixaram ainda é percebido e vivenciado pelos moradores da região e a sua influência na atualidade. Foram analisados os elementos visuais

¹Formada em Moda pela UCS, com MBA em Marketing pela FGV, Especialista em Design de Superfícies pela FEEVALE, Especializada em Calçados e Artefatos de Couro pelo SENAI-RS.

²Professora do Depto. de Ciências da Comunicação e do Depto. de Engenharia Têxtil na Universidade do Minho. É investigadora do CECS.

³Formada em Moda pela UCS, Especialista em Cultura de Moda pela Anhembi Morumbi, Meste em Moda, Cultura e Arte pelo SENAC-SP. Doutoranda em Ciências Sociais pela Unisinos
Docente, Coordenadora do Centro de Design da Feevale.

que evidenciam esta cultura, através de abordagem fenomenológica e exploratória, por meio de pesquisa bibliográfica, entrevistas, e registros fotográficos. Simultaneamente, após a identificação destes referenciais, a pesquisa resultou em uma coleção de estampa para ser aplicada em superfície têxtil. As estampas criadas têm como base imagens fotográficas captadas na região e que identificam a cultura italiana. No presente trabalho, evidenciamos as paisagens da região, através da arquitetura da imigração e suas características visuais, e da agricultura, fruto da formação de uma sociedade tipicamente rural. Compreendendo ainda a importância dos colonizadores para o desenvolvimento da região de forma a valorizar esta cultura.

Dentre os mais de 1,5 milhões de italianos que chegaram ao Brasil, desembarcaram no estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 1875 e 1914, entre 80 e 100 mil italianos, somando mais de 60% do total de imigrantes, provindos quase que totalmente do norte da Itália. Incentivados pelo governo brasileiro, que tinham variados objetivos em receber imigrantes europeus. Ressalta-se a mão-de-obra para a agricultura, devido à abolição da escravatura. Ao governo interessava também o branqueamento da raça, inserindo idéias e sangue europeu no país. A crise que assolava a Europa foi fator preponderante para que o governo da Itália incentivasse o povo a deixar o país: houve a unificação política, que significou o avanço do capitalismo e da industrialização, acarretando em empobrecimento no campo, tornando insustentável a vida do agricultor. Só lhes restava então, a esperança de emigrar para a América. Vindos na maior parte em família, adquiriam suas terras a preços módicos, e, estabeleceram-se na região Nordeste do estado. A posse da terra representava liberdade e sobrevivência, e o êxito que tanto sonhavam viria com muito esforço do trabalho, valor que perdura na região. Conforme De Boni e Costa (DE BONI e COSTA, 1979, p.86), logo voltaram-se para o suprimento das necessidades caseiras, num sistema intensivo de policultura, visando obter os gêneros necessários para a família, e somente depois comercializariam os excedentes. Como as colheitas demandam algum tempo após a plantação, foi a caça o principal alimento do imigrante ao chegar. Além disso, o pinhão da araucária,

uma árvore nativa abundante na região, foi muito consumido pelo imigrante pelo seu alto valor nutritivo. Da necessidade de queimar as grimpas do pinheiro, descobriram o sabor do pinhão sapecado. O trigo e o milho também foram produtos cultivados pelos colonizadores. Do milho, faziam a polenta, prato típico da região. Os produtos característicos da imigração são o trigo, o milho, e a uva. Sendo o cultivo da uva de espécie Isabel e a produção do vinho, o que mais caracterizou a imigração italiana no Rio Grande do Sul. Com o êxito da espécie Isabel e a crescente procura do comércio, institutos de enologia foram sendo fundados, e com o intuito de trocar informações e superar as dificuldades comuns, fundaram também cooperativas vinícolas. O plantio dos pequenos vinhedos era familiar. A fertilidade do solo virgem, a umidade e o sol quente do verão da serra, aliados ao vigor natural da videira Isabel, faziam as parreiras crescerem abundantemente. A uva era colhida em balaios de cipó e esmagada com os pés. A fermentação ocorria em pipas de madeira instaladas no porão das casas, onde todo o processo era feito. Fermentado, o mosto virava vinho, quase todo ele tinto, da uva Isabel. A vitivinicultura representava agora, um elemento de fixação do imigrante na região da serra. As imagens dos parreirais e suas cores em constante mudança devido a variação das estações do ano, fazem da paisagem serrana uma das mais lindas do estado do Rio Grande do Sul. Partindo dessa percepção, captou-se imagens in loco nas cidades da região e desenvolveu-se uma coleção de estampas como vemos a seguir:

Figura 1: Grimpas de araucária Fonte: Arquivo da autora.

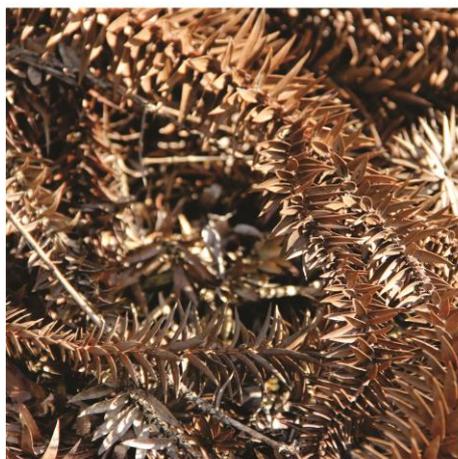
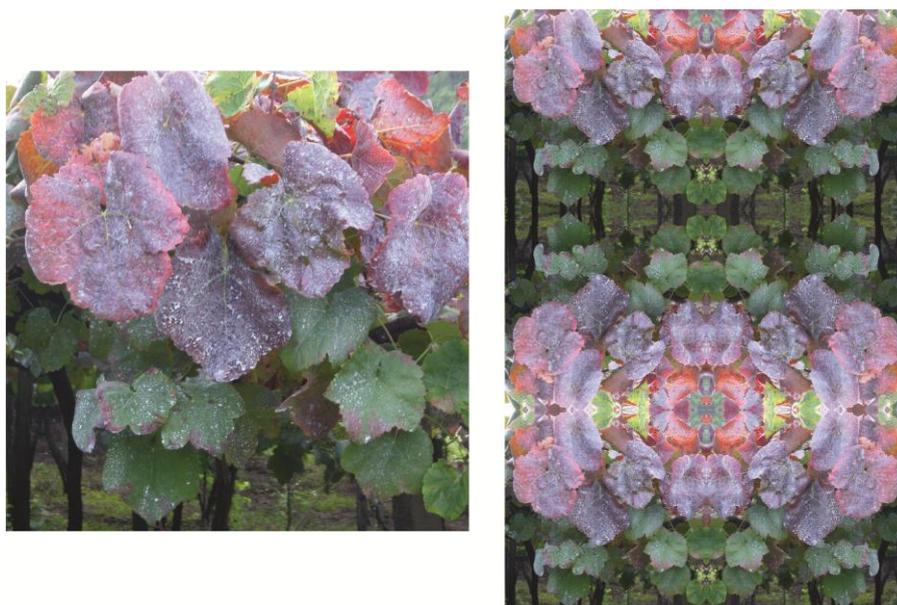


Figura 2: Folhas de parreiras. Fonte: Arquivo da autora.



Das primeiras necessidades, além da obtenção do alimento, está a construção de uma moradia para abrigar a família, que ao chegar, ficava abrigada em barracões dos imigrantes. Conforme Posenato (POSENATO, 1983, p.40), a procura para o local de construção da casa exigia alguns cuidados, como a posição do sol, proximidade de veios d'água, declive para construir o porão, e a proximidade de linhas e picadas. Após, começava o árduo trabalho do corte de árvores como o pinus da araucária para fazer colunas, rachar tábuas e tabuinhas (scândoles). As casas de pedras irregulares também foram surgindo ao lado das casas de madeira. Muitas vezes, o porão era feito de pedras para manter a temperatura mais fresca e úmida, porque lá eram armazenadas as uvas, os vinhos, os alimentos por eles fabricados, como o queijo e o salame. Já o resto da casa era feito de madeira. As casas mistas até hoje são vistas na região da colonização. Elas conservavam, no início, a cor natural de seus materiais, sem uso de pintura. De acordo com De Boni e Costa (DE BONI e COSTA, 1979, p.143), com o surgimento de uma arquitetura mais avançada, começou a ser utilizada a caiçação, pintura de cal derretido em água com cola extraída da fervura de uma variedade de cactos, planta abundante em toda a região italiana. O sótão também marcou a arquitetura da imigração, pois lá eram mantidos os grãos, espalhados no chão. Outra característica das moradias dos imigrantes era a cozinha separada do resto da casa. Por medo de incêndio, já que utilizavam o

“fogolar”, espécie de fogo feito no chão, a cozinha era construída a alguns metros de distância ou unida por um alpendre. Era a parte da casa de maior valor, pois ali reunia-se a família para celebrar o alimento, nos primeiros tempos muito escasso. O costume de valorização do alimento e conseqüentemente da cozinha nas residências, é mantido até os dias de hoje pelos descendentes e moradores da região da colonização. Do desenvolvimento das habilidades manuais com a utilização da madeira, surge uma ornamentação para enfeitar oitões e beirais, os chamados lambrequins. No início mais simples, formavam um rendilhamento que foi tornando-se mais criativo e rebuscado, conferindo leveza e graça às construções. A mesma técnica foi utilizada para compor os guarda-corpos (balaústres) dos balcões, caracterizando com singularidade a arquitetura dos imigrantes italianos que é considerada popular, pois era erguida sem a participação de um arquiteto. Da beleza das imagens captadas da arquitetura, surgem estampas a serem aplicadas em superfície têxtil:

Figura 3: Lambrequins. Fonte: Arquivo da autora.

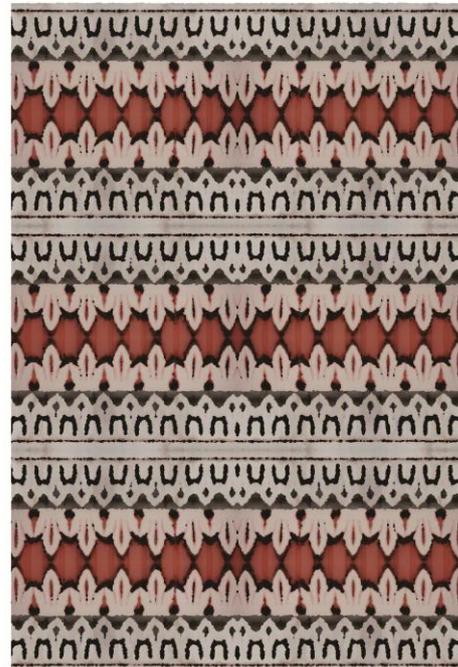
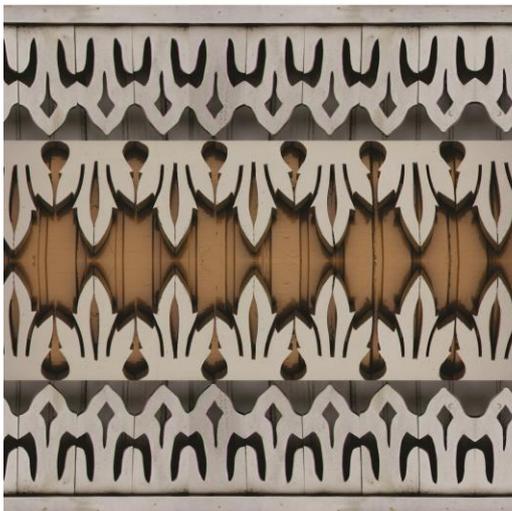
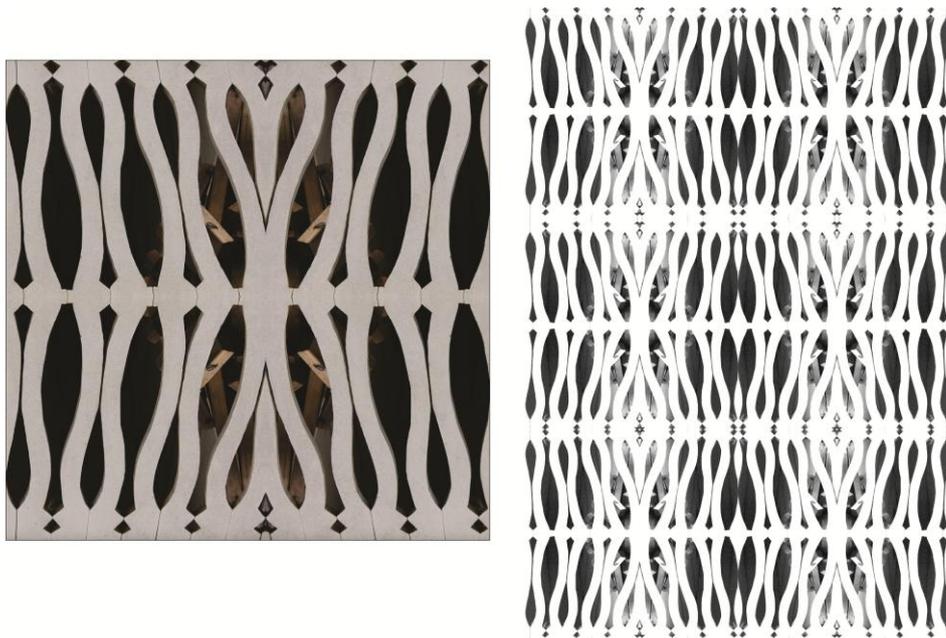


Figura 4: Janelas de casa Fonte: Arquivo da autora.



Figura 5: Balaústre. Fonte: Arquivo da autora.



A arquitetura da imigração italiana no estado, possui quatro características marcantes, conforme ressalta Posenato (POSENATO, 1983, p.71): emprego generoso do trabalho humano livre, pois não houveram escravos na região da colonização, a diversidade de soluções de problemas, de acordo com a disponibilidade do meio, utilizando a criatividade, também a linguagem

arquitetônica própria, com grande expressão plástica apesar da simplicidade e tendência à simetria. Como quarta e última característica, destaca-se o uso de materiais existentes no entorno, como a madeira, o barro, a cal, as pedras, típico de uma arquitetura vernacular. Não se pode falar da arquitetura da imigração italiana sem citar a arquitetura religiosa. Cultura de muita fé e praticante em grande parte do catolicismo, foi com espírito de coletividade que começaram a erguer as primeiras capelas para o culto. Respeitando o domingo como um dia sagrado, prática que se encontra viva atualmente em muitas famílias, a vida social girava em torno das capelas e suas celebrações. Geralmente erguidas no alto, para serem vistas de longe, as capelas eram feitas de formas simples, de madeira, com uma cruz à frente, e um campanário do lado, separado do corpo da obra. Conforme relatam Pozenato e Ribeiro (2004, p. 142), os campanários eram mais altos do que as capelas, e apresentavam aberturas em abundância para que o som se espalhasse, e dessa forma haveria um incentivo aos fiéis para orarem, participar de evento religioso, festivo, ou fúnebre. Ao longo das estradas, se encontram capitéis. Após, surgiram também as igrejas matrizes, onde se estabeleceram as sedes das primeiras colônias italianas no nordeste do Rio Grande do Sul. Algumas foram construídas pelo governo imperial, e se caracterizavam por linhas góticas e românicas, com presença de rosácea e do arco. Há também em alguns casos, influência renascentista e barroca, como por exemplo, a igreja matriz da cidade de Antônio Prado, RS. Imagens visuais com detalhes que inspiram e aguçam a criatividade do espectador. A cidade de Antônio Prado foi a última colônia italiana criada pelo governo imperial, em torno de 1886. A cidade tem o maior e mais completo conjunto arquitetônico da colonização italiana no Brasil, com 48 imóveis do centro urbano tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde a década de 1980. As casas da cidade, geralmente em madeira, têm na beleza dos lambrequins um símbolo da região. A arquitetura, neste contexto, era um símbolo preponderante de sucesso e afirmação social das famílias.

Devido a rápida evolução econômica e social da região da colonização, o ciclo arquitetônico encerrou-se em menos de um século, pois recebeu o impacto do meio brasileiro e da acelerada industrialização. Porém, algumas características são mantidas pelos descendentes até os dias de hoje, principalmente no meio rural, conforme relata em entrevista a arquiteta Nadime

Saraiva Rissi: o porão geralmente de pedras ainda é muito utilizado, o sótão, a despensa para guardar os alimentos, a cozinha de tamanho generoso para preparar o tão valorizado alimento e ser utilizada como espaço de convivência social. O uso da madeira e das pedras continua sendo comum, embora em novas versões, pois há no mercado uma ampla variedade de materiais disponíveis.

Considerações Finais

Acredita-se que a cultura da imigração italiana esteja profundamente enraizada na região através de seus descendentes. Hábitos, usos e costumes mesclaram-se com a cultura de outras etnias com o passar dos anos, porém, não foram dissipados. Os próprios imigrantes criaram uma identidade singular na serra do Rio Grande do Sul, embora tenham trazido na bagagem referências da Itália. A realidade no Brasil era muito distinta de seu país de origem, e a adaptação foi progressiva e constante. A tristeza do abandono da pátria, a viagem longa e difícil, as doenças que acometiam muitos familiares debilitados em função da avitaminose, não foram suficientes para que os colonizadores esmorecessem. Embora tenham encontrado um país diferente daquele que haviam sonhado e que havia sido propagado, depositavam toda sua esperança no trabalho. Sabiam que dele dependiam para superar as dificuldades e vencer. Abrindo caminhos no meio da mata virgem, foram construindo suas casas, igrejas, e dedicando-se ao plantio e criação de animais. A fé era uma força inseparável a qual agarravam-se nos momentos de maior dificuldade. A crença na força do trabalho é característica marcante da região, sendo uma das mais desenvolvidas do país, possui indústrias de destaque internacional, e atrai migrantes de várias regiões do país e do mundo que buscam melhor qualidade de vida. Partindo dos primeiros parreirais, o estado é hoje responsável por 90% da produção vinícola do país. A Festa Nacional da Uva, que ocorre a cada dois anos, foi criada para homenagear os imigrantes e resgatar a história da região, divulgando indústrias e produtos locais, a fim de atrair novos investimentos.

As paisagens serranas são o resultado do trabalho do imigrante: parreirais coloridos e abundantes, que mudam os tons conforme as estações, uvas de diversas espécies e tamanhos, extensas plantações de trigo e milho, muito

utilizados na fabricação do artesanato local, construções arquitetônicas que têm na simplicidade sua principal beleza, e que demonstram criatividade através de adornos decorativos.

Perceber as referências visuais que identificam a cultura da imigração italiana implica em refinar o olhar estético. As paisagens, urbanas ou rurais, por vezes, são imperceptíveis aos olhos. O diferencial de um criador está em saber observar, pois as fontes de inspiração estão em todos os lugares. A pesquisa também é ferramenta essencial para a criação, e quanto mais detalhada maiores as chances de um resultado assertivo. A coleção de estampas que se encontra, em parte, neste trabalho, resulta da observação e captação de imagens, que foram trabalhadas através de processo criativo, e embasadas em ampla pesquisa. Através de processos modernos de impressão têxtil, elas podem ser transformadas em peças de vestuário e decoração, itens que terão no seu DNA a marca de uma cultura cuja riqueza deve ser perpetuada.

Referências

BONI, Luís A. De; Costa, Rovílio (org.). Os italianos do Rio Grande do Sul. Porto Alegre e Caxias do Sul: EST - Correio Riograndense-EDUCS, 1984.

Posenato, Julio. Arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, EDUCS, 1983.

RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio; POZENATO, José Clemente (org.). Cultura, Imigração e Memória: Percursos e Horizontes. 2004.

Nadime Saraiva Rissi – arquiteta e urbanista – entrevista.